

## Santo Temor

### Em Busca da Santidade—Parte 3

#### 1 Pedro 1.17

#### Introdução

Esta é a nossa terceira mensagem na minissérie intitulada “Em Busca da Santidade”, baseada em 1 Pedro. No encontro anterior, definimos *santidade* com base no significado do termo grego *hagios*, o qual significa “separado, distinto”.

Nós empregamos o conceito de santidade quando nos referimos ao “sagrado” ou “santo matrimônio”. Com isso, dizemos que o casamento é um tipo de relacionamento singular; ele não é perfeito, pois não envolve indivíduos perfeitos. Ele é simplesmente diferente de qualquer outro relacionamento. Nele, marido e esposa são separados de todas as demais pessoas e dedicados um ao outro.

Como crentes, nós acontecemos de ser santos. Não nos tornamos santos depois de ler a Bíblia inteira no decorrer de um ano, ou porque frequentamos a igreja todos os domingos ou porque nos sentamos na primeira fileira na hora dos cultos! Nós já *somos* santos e recebemos a ordem de agir como santos, isto é, revelar ao mundo, não que somos impecáveis, mas separados para Deus e pertencemos, de forma singular, a ele. Conforme Pedro destacará mais adiante, somos *nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus* (1 Pedro 2.9).

Agora, precisamos admitir que até mesmo a palavra *santidade* parece exagero. Pedir para que alguém seja santo parece ser sinônimo de pedir que o indivíduo comece a jejuar, isole-se em um monastério onde as pessoas não podem fazer besteiras, faça um voto de silêncio ou que se una a um grupo de pessoas sisudas que nunca se divertem ou se envolvem em entretenimento.

Porém, nada poderia estar mais longe da verdade. Um autor colocou o assunto muito bem quando escreveu: “Santidade é a vida do dia a dia; santidade é o negócio normal de cada crente. Santidade se evidencia nas decisões que tomamos e coisas que fazemos, hora após hora, dia após dia.”<sup>1</sup> Essa definição se encaixa perfeitamente com a perspectiva de Pedro em sua carta escrita a crentes do século primeiro.

Em 1 Pedro 1.16, o apóstolo repete um mandamento do Antigo Testamento para o filho de Deus ser santo. Lembre-se: a ordem não é para o crente começar alguma espécie de peregrinação rumo a perfeição santa; o chamado não é para deixar o mundo, mas para se envolver com o mundo por meio de uma demonstração clara do evangelho. Essa demonstração envolverá decisões simples e conversas diárias no decorrer das atividades mais ordinárias do dia a dia.

Isso acontece de ser santidade bíblica. Tendo removido todos os mitos religiosos e concepções equivocadas, a santidade—nossa singularidade para Deus—passa a se referir a quem *somos* e a como *agimos*.

Porém, Pedro não somente corrige concepções erradas sobre a santidade. No verso seguinte, ele também adiciona mais um pensamento que imediatamente suscita mais equívocos e mitos. Mais uma vez, as coisas precisarão ser esclarecidas. É algo que chamamos de “santo temor”. Veja o verso 17:

***Ora, se invocais como Pai aquele que, sem aceção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação.***

Que tal memorizar esse verso? Nunca vi estampado em camisetas ou canecas a mensagem—*viva com temor*. Que lema! Para Pedro, esse era um lema poderoso. Mas o que ele significa? Será que o crente tem motivo para temer? Se sim, por quê?

Desejo dividir esse verso com três qualidades que definem o santo temor. No processo, visitaremos o trono de julgamento de Cristo.

1. A primeira qualidade que define o santo temor é lembrar-se de seu privilégio incrível.

Note, mais uma vez, as primeiras palavras do verso 17: ***Ora, se invocais como Pai aquele que... julga.***

Com base nisso, entenda logo de princípio que Pedro não escreve sobre santo temor para descrentes, os quais têm bastante motivo para nutrir temor de Deus. Pedro escreve para crente, os quais chamam Deus de Pai.

De fato, Pedro coloca a palavra ***Pai*** na frente da sentença a fim de destaca-la, como se dissesse: “Ora, se como Pai vocês clamam a Deus.”<sup>2</sup> Em outras palavras, Pedro enfatiza o relacionamento familiar e íntimo entre o crente e esse Deus tremendo. Ele é o nosso Pai por causa de nossa fé em seu Filho, Jesus Cristo. Mas então quer dizer que temos que ter temor de Deus?

Pense nisso da seguinte forma. Você já viu como motoristas diminuem a velocidade quando veem um policial ou um radar? Todo mundo está voando a 140 km/h; de repente, você vê todos freando. Já sabe—ou tem um radar ali ou existe um policial parado, provavelmente utilizando um radar móvel. Todos estão dirigindo em temor!

Não é nesse sentido que Pedro fala de temer a Deus. No contexto bíblico, temer a Deus se assemelha mais a tirar sua carteira de habilitação e dirigir para casa com o seu pai sentado no banco de trás. Sim, em certo sentido você dirige com medo dele, mas não porque ele deseja pegá-lo violando alguma lei de trânsito, mas porque você deseja lhe mostrar que sabe dirigir direito e bem. Seu desejo é deixá-lo orgulhoso ao ver que você aprendeu bem. Essa é a ideia.

Então, antes de Pedro tratar do assunto de julgamento—ou avaliação—, ele enfatiza que o juiz acontece de ser nosso Pai, e isso muda tudo. Temor santo começa com o ato de se recordar desse enorme privilégio.

2. A segunda qualidade do temor santo é aceitar sua responsabilidade pessoal.

Continue lendo o verso 17: ***Ora, se invocais como Pai aquele que... julga segundo as obras de cada um.*** Paulo descreve esse momento de julgamento para os crentes coríntios quando escreveu:

***Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo*** (2 Coríntios 5.10).

Que lugar é este—o ***tribunal de Cristo***? Esse é o ***bema***, um termo grego que se refere a um degrau, como aquele que você tem na varanda da sua casa.<sup>3</sup> Posteriormente, a palavra passou a se referir a uma plataforma elevada, cujo acesso era por meio de degraus. Alguns bemas eram ao ar livre, enquanto outros eram dentro de palácios ou escritórios políticos. Por causa da palavra grega, esse futuro julgamento do crente é chamado de “O Bema de Cristo”.

Mas por que o crente terá que comparecer diante do Deus Triúno que é tanto nosso Pai como nosso Redentor? O que acontecerá conosco? Permita-me primeiramente dizer o que *não* acontecerá no Bema de Cristo.

- a. Primeiro, este não é um local no qual nosso destino eterno será decidido e selado.

A Bíblia deixa bem claro que cada ser humano individualmente comparecerá diante de Deus. No caso dos que não pertencem a Cristo, eles se encontrarão no que é chamado de “O Julgamento do Grande Trono Branco”. O apóstolo João recebe uma visão desse terrível julgamento em Apocalipse 20. Nessa ocasião arrepiante, cada descrente reconhecerá sua culpa porque:

- suprimiram a verdade de um Deus Criador;
- resistiram afrontosamente à consciência e à lei de Deus gravada em seus corações;
- e, no caso de muitos, porque recusaram abraçar o evangelho de Cristo conforme lhes fora apresentado por algum crente, literaturas ou mesmo pela Bíblia, a qual

abriram num belo dia num quarto de hotel e depois a guardaram novamente na gaveta com desprezo e descrença.

Deus será o Juiz e o livro de Apocalipse nos informa de que todos os que comparecerem ali receberão o veredito de culpados e lançados no lago de fogo eterno, cuja fumaça de seu tormento subirá pelos séculos dos séculos (Apocalipse 14.11; 19.3).

Portanto, o julgamento do Grande Trono Branco é somente para descrentes. Porém, existe outro julgamento—o Bema de Cristo. Esse será somente para os crentes. Se você se encontrar lá um dia, isso será prova definitiva de sua segurança eterna de salvação. Os únicos indivíduos diante do Bema de Cristo serão os crentes.

Dessa forma, o Bema de Cristo não é uma espécie de bifurcação na qual Deus decide quem vai para o céu e quem vai para o inferno. Não se trata de uma bifurcação; nosso destino eterno já foi decidido. Se compreendemos a doutrina bíblica da expiação e a obra de Cristo na cruz, então adquirimos uma perspectiva adequada sobre o Bema.

A Bíblia nos ensina que o pecado foi julgado em Cristo lá na cruz. Pelo fato de estarmos em Cristo, o qual já foi julgado, não seremos mais condenados por nossos pecados (1 Pedro 2.24). Conforme Isaías 53.6, o Messias suportaria as iniquidades de todos nós. Por isso, Paulo pode escrever com convicção extraordinária para os crentes: ***Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus*** (Romanos 8.1).

Quando destaco esse verso, gosto de pedir para as pessoas circularem o advérbio ***agora***: ***Agora, pois, já nenhuma condenação há***. Paulo não disse: “Espero que não enfrentarei condenação no futuro, depois que morrer e comparecer diante de Deus.” Não! ***Agora*** já não existe mais condenação. Crente,

seu destino eterno já foi determinado e, até mesmo neste exato momento, você se encontra livre de qualquer condenação.

- b. Além de o Bema não ser o local onde nosso destino eterno é decidido e selado, o Bema também não é o lugar onde seus pecados terrenos são exibidos e perdoados.

Você se encontrará no Bema não para *ser* perdoado, mas porque já *está* perdoado.

Não existe nenhuma nuvem no céu armazenando seus pecados para Deus mostra-los num telão enorme. Conforme o autor de Hebreus colocou com confiança, Deus afirma que *dos seus pecados jamais me lembrarei* (Hebreus 8.12).

Isso não significa que Deus sofre de perda de memória. Significa que ele evidentemente escolhe não contar nossos pecados contra nós. Nosso registro foi completamente apagado porque ele nos perdoou todos os pecados. Deus escolhe não mais se recordar de nossas iniquidades.

Conforme colocou o profeta Miqueias, Deus lançou nossos pecados nas profundezas do oceano (Miqueias 7.19). O registro do nosso pecado foi jogado no fundo do mar e o próprio Deus garante que ele não mergulhará para trazê-lo à superfície novamente.

Ouçá só o que Deus tem a dizer sobre nossa certeza de seu perdão:

*E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoadando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz* (Colossenses 2.13–14).

Por esse motivo, precisamos pensar melhor sobre a natureza do Bema de Cristo. Com base na realidade e certeza do perdão de pecados, Paulo escreveu aos crentes de Corinto sobre esse julgamento e concluiu a discussão afirmando que todos nós findaremos louvando a Deus (1 Coríntios 4.5). O crente louvará a Deus—no julgamento do Bema!

Por quê? Porque o Bema não é um local onde nosso futuro será decidido ou onde seremos perdoados. Tudo isso já foi feito. Enquanto Deus avaliar nosso serviço feito para ele, estaremos exuberantes de alegria por seu perdão e graça. Estamos seguros—para sempre. Não somos mais condenados—até mesmo neste momento.

Então, se o julgamento sobre o qual Pedro escreve aqui não envolve nosso destino eterno ou o perdão de pecados, então por que haverá esse julgamento?

De forma simples, trata-se de um encontro individual com o Senhor, nosso Supremo Pastor e Redentor. Ele não julgará nossa posição nele, mas nossas prioridades para ele. Você estará lá porque é sua noiva, então que tipo de noiva foi na terra? Você estará lá porque Deus é seu Pai, então que tipo de filho tem sido agora?

Santo temor envolve aceitar sua responsabilidade pessoal de se portar como filho de Deus ou como noiva de Cristo, o qual aparecerá para buscar sua igreja a qualquer momento.

E note que Pedro encoraja os irmãos ao dizer no verso 17 que o julgamento de Cristo será feito *sem aceção de pessoas*.

Muito provavelmente, Pedro destaca esse aspecto da imparcialidade porque o sistema jurídico de sua época era corrompido por subornos. Com frequência, os juízes agiam com parcialidade a

favor de quem lhes pagasse altas somas de dinheiro. Os tribunais favoreciam os ricos e indivíduos de contato; quanto mais elevado o status da pessoa na sociedade, maior a chance de o veredito ser a seu favor.<sup>4</sup>

Infelizmente, isso não acontecia só no século primeiro, não é verdade? Corrupção no sistema jurídico é uma realidade de cada século. Parece não haver maior tragédia do que um indivíduo corrupto ocupando a posição de juiz.

Os crentes da época estavam sendo cada vez mais marginalizados da sociedade, perdendo seus direitos de trabalhar, comprar casas, terra e propriedade, bem como o direito de adorar o Senhor Jesus. Pedro, portanto, tranquiliza esses irmãos que eram maltratados nos tribunais e na cultura daquela geração, ao afirmar que Deus é um juiz imparcial. Seu tribunal é justo! Deus não julga conforme as aparências.<sup>5</sup> Deus não fica impressionado com posição social; ele não tem favoritos; ele não pode ser comprado pelos ricos e influentes! Seu tribunal é santidade e seus julgamentos retos e verdadeiros.

No decorrer do Novo Testamento, encontramos várias imagens que visam descrever o caráter justo e perfeito do Bema de Cristo.

- a. Uma imagem é a de uma fornalha de ourives.

Em 1 Coríntios 3.12–15, Paulo descreve o encontro do crente e seu Senhor da seguinte forma:

***Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá***

***galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.***

O fogo aqui mencionado é usado em outras partes das Escrituras como símbolo de divindade. Lemos em Hebreus 12.29 que nosso Deus é ***fogo consumidor***. Fogo se refere à santidade de Deus.<sup>6</sup>

A propósito, o texto não fala de algum lugar como o purgatório para o qual vamos a fim de queimar nossa culpa com o passar do tempo. O texto fala daquele momento quando o crente comparecerá diante do Senhor e sua vida será avaliada por meio do fogo da avaliação pura e santa de Deus.

Evidentemente, no caso de alguns, nada lhes restará—nada além de cinzas, nada além da salvação pessoal. O apóstolo João alerta o crente quanto a isso em 2 João 8:

***Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão.***

Não podemos perder nossa salvação; ela está eternamente segura. Entretanto, podemos perder galardão por completo por causa de desobediência.

Portanto, aqui está o encorajamento à luz da avaliação futura: edifique sua vida, até o final do percurso, com os materiais devidos, isto é, com intenções valiosas, motivações piedosas e o desejo que honra a Cristo para glorificá-lo até mesmo nas coisas mais triviais desta vida terrena, desde lavar uma louça até cortar a grama; arrumar cadeiras e fazer café; ensinar uma turma ou servir num comitê; cantar no coral até orar pelo ministério do evangelho; servir em outra cultura até limpar a igreja depois de todos terem ido embora para suas casas.

Deus julgará as motivações do coração e recompensará o que for louvável. Isso soa meio negativo. Contudo, o lado positivo disso é que não existe coisa alguma nesta vida pequena, insignificante ou trivial quando feita para o prazer e aprovação de Deus. Tudo na vida tem o potencial de ser recompensado!

b. Segundo, Paulo também descreve o Bema de Cristo como uma cerimônia de premiação.

Aquelas plataformas elevadas no século primeiro também serviam como lugar para os juízes se sentarem em competições esportivas.

Durante os Jogos Olímpicos, o Bema era o lugar onde os atletas vitoriosos se colocavam de pé para receber sua coroa de louros. Esse era o momento que coroava uma vida inteira de dedicação e sacrifício. Paulo falou com essa perspectiva quando escreveu:

***Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda*** (2 Timóteo 4.8).

Paulo fica animado ao pensar na coroação! É como se ele não conseguisse conter a emoção de comparecer ao Bema de Cristo.

Talvez você esteja pensando: “É claro que ele ficaria animado assim! Afinal, ele é o grande apóstolo!”

Mas espere um pouco. Paulo também não era um homem perfeito. Na verdade, ele foi salvo assim como nós—um pecador resgatado por meio da fé em Cristo somente. Ele era um homem totalmente caído, com uma natureza com a qual lutava e guerreava, caía e depois obtinha sucesso, assim

como nós. Leia a qualquer hora seu testemunho pessoal em Romanos 7.

Quanto mais velho Paulo ficava, mais ciente ele se tornava de sua pecaminosidade:

- no início do seu ministério, ele comentou que era ***o menor dos apóstolos*** (1 Coríntios 15.9);
- mais adiante, ele disse ser ***o menor de todos os santos*** (Efésios 3.8);
- por fim, antes de seu martírio, ele escreveu a Timóteo ***que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal*** (1 Timóteo 1.15).

Parece que Paulo estava indo na direção errada. Não. Na verdade, ele estava crescendo. E ele não conseguia conter a emoção em torno do Bema, a alegria daquele encontro, o que também deve nos orientar quanto a perspectiva adequada daquele encontro. Paulo o aguardava com grande expectativa.

O retrato apropriado é o seguinte: assista aos vencedores nos Jogos Olímpicos subindo naquela plataforma simples que remontam aos tempos do século primeiro. Observe as lágrimas de emoção ao ouvirem o hino nacional de seu país; veja sua alegria e orgulho patriótico cheio de honra.

Paulo e todos os demais romanos sem dúvidas tinham testemunhado atletas subindo ao bema para receber suas coroas. Paulo diz: “Eu mesmo subirei lá um dia. A diferença é que será o Bema do Senhor dos Céus.”

- c. O Bema de Cristo é como uma fornalha de ourives, uma cerimônia de premiação e, por fim, é como uma revisão de desempenho.

Paulo escreveu aos coríntios:

***Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo (2 Coríntios 5.10).***

No Bema, o que é julgado não é pecado, mas serviço. Mais uma vez, a reação comum na mente do crente é: “Bom, o negócio não vai ser muito bom para mim não porque nunca fiz algo grandioso. Que fruto eu tenho para ficar tão animado assim com o Bema de Cristo?”

Entenda bem: não prestaremos contas pela grandeza do nosso serviço, mas se ele agradou a Deus ou não, se foi direcionado por Deus ou não, se foi feito com Deus em mente ou não, se buscou glorificar a Deus ou não.

O tópico do nosso encontro com Cristo não será pecado; não temos que temer isso, pois o pecado já foi julgado e esquecido. O tópico de nosso encontro com Cristo não será pecado, mas nosso serviço a Deus.

3. Primeiramente, temor santo começa quando nos lembramos de nosso privilégio incrível de sermos julgados pelo nosso Pai. Em seguida, começa quando aceitamos nossa responsabilidade pessoal. Terceiro, temor santo começa quando recusamos agir como crianças mimadas.

Veja o verso 17 novamente:

***Ora, se invocais como Pai aquele que, sem aceitação de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação.***

Conforme destacou um autor, a construção ***portai-vos com temor*** significa adotar um estilo de vida marcado por comportamento reverente.<sup>7</sup> Essa é outra maneira de dizer simplesmente: “Como

filhos do Pai celestial, comportem-se!” Veremos o nosso Pai a qualquer momento.

A verdade é que dentro de nós surge uma reverência saudável quando percebemos que existe uma prestação de contas vindoura. Salomão escreveu: ***Feliz o homem constante no temor de Deus*** (Provérbios 28.14). Conforme o autor de Hebreus, Noé, ***sendo temente a Deus, aparelhou uma arca*** (Hebreus 11.7), e que a visão de Deus foi algo tão terrível e maravilhoso ***que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!*** (Hebreus 12.21). Quando a igreja nasceu e o Espírito de Deus manifestou seu poder por meio de sinais e maravilhas, lemos que ***em cada alma havia temor*** (Atos 2.43).

Um escritor Puritano escreveu que Pedro estava descrevendo o santo temor de ofender a Deus. Gerado por amor e alegria, o crente é ainda mais relutante em desagradar ao Senhor.<sup>8</sup>

E veja bem: o filho de Deus que ganha mais nesta vida é aquele que vive com um senso de que prestará contas agora, não somente no futuro. Santo temor é a atitude de alguém que vive sempre ciente de que está na presença de Deus.<sup>9</sup>

Na mente de Pedro, temor é aquela submissão reverente à vontade e Palavra do Senhor na expectativa de que nossas vidas serão avaliadas agora. Daí, naquele dia, compareceremos diante de Deus, não para sondar pecado, mas para receber recompensas por cada pensamento, oração, plano, ato de submissão, obediência e reverência para aqueles que viveram com um senso de santo temor.

Então, você estará lá um dia no Bema de Cristo, sem conseguir conter suas lágrimas, até que Cristo as enxugue. Não tenho certeza, mas creio que perceberemos, mais do que nunca, como poderíamos e deveríamos ter servido ao Senhor.

Por outro lado, não conseguiremos conter nossa alegria e louvor, pois tudo quanto fizemos em obediência, humildade, submissão e reverência para o prazer e glória de Deus será visto por nós claramente como resultado de sua graça, presença, Espírito e poder em nosso coração e através de nossas vidas.

Dessa forma, quando Cristo nos recompensar com nossa coroa de louro, o que faremos? Conforme diz Apocalipse 4, nós nos prostraremos e depositaremos nossas coroas aos pés do nosso Salvador, dizendo com toda a multidão de redimidos:

***Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas*** (Apocalipse 4.11).

É como se dissessemos: “Ó, Deus, o Senhor nos criou. Tudo de bom em nós e feito através de nós foi o Senhor quem criou também. Então, ao Senhor pertence todo poder, honra e glória, tanto agora como eternamente. Amém!”

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 20/11/2016

© Copyright 2016 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> Adaptado de Charles R. Swindoll, *The Tale of the Tardy Oxcart* (Word, 1998), 268.

<sup>2</sup> Adaptado de E. Edmond Hiebert, *1 Peter* (BMH, 1984), 98.

<sup>3</sup> W. E. Vine, *Vine's Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Nelson, 1997), 612.

<sup>4</sup> Duane F. Watson e Terrance Callan, *Paideia Commentaries on the New Testament: First and Second Peter* (Baker, 2012), 34.

<sup>5</sup> Guy N. Woods, *New Testament Commentaries: 1 and 2 Peter* (Gospel Advocate, 1991), 43.

<sup>6</sup> Roy L. Laurin, *First Corinthians: Where Life Matures* (Kregel, 1987), 79.

<sup>7</sup> Daniel M. Doriani, *1 Peter* (P&R Publishing, 2014), 47.

<sup>8</sup> Robert Leighton e Griffith Thomas, *1, 2 Peter* (Crossway, 1999), 59.

<sup>9</sup> William Barclay, *The Letters of James and Peter* (Westminster, 1976), 188.